



O turismo rural em Goiás e seus contextos imaginários

Pesquisa investiga as representações e os sentimentos do turista em relação à ideia de campo

Renato Joseph

O estado de Goiás conserva muitas características rurais e grande parte do seu desenvolvimento deve-se ainda à atividade agrícola e pecuária. A herança agropastoril influenciou os costumes, as tradições, toda a cultura do povo goiano. Folclore, gastronomia, literatura, música e festas populares compõem um universo construído e moldado pelo rural. Atualmente, esse ambiente é procurado por um grande contingente de pessoas, pelas possibilidades de lazer que oferece. A inserção do turismo no meio rural goiano cresce em um espaço geográfico rico de recursos naturais. Além de abrigar as nascentes dos rios que formam as principais bacias fluviais do país, o Cerrado é, ainda, repleto de cavernas, cachoeiras, corredeiras, em meio a uma peculiar e diversificada vegetação.

A professora da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da UFG (Facom) Maria Francisca Magalhães Nogueira desenvolveu, em sua tese de doutorado intitulada *Turismo rural em Goiás: contextos imaginários*, uma reflexão sobre o que essa modalidade de turismo significa e representa. Defendida em 2009, no Programa de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), a tese não se limitou a uma abordagem econômico-funcional, dedicando-se a explorar o imaginário rural do turista e a conhecer os sentimentos que ele associa à ideia de campo. O objetivo não foi abranger todo o processo que rege esse imaginário, mas

projetar alguns de seus ângulos e facetas.

Para conhecer o imaginário rural do turista, a professora Francisca, como é conhecida na UFG, fez uma incursão pela sociedade goiana tradicional, com a finalidade de captar significações centrais que lhe fornecessem um quadro de referência. As imagens e significações imaginárias do rural foram apreendidas em narrativas históricas e literárias. Por meio das obras de Luis Palacin, Paulo Bertran e Hugo de Carvalho Ramos, entre outros, ela constatou que, durante o século XIX — até não muito tempo atrás — essa sociedade tinha características notadamente rurais. “De fato, pude constatar que Goiás viveu quase todo o seu percurso histórico na ruralidade e os valores do universo rural assomam na vocação recente do estado para o turismo rural”, destacou a professora. Segundo esclareceu ela, a volta ao universo social histórico goiano possibilitou observar como o presente se recria e se transforma com elementos do passado. “Visitar o social histórico dessa sociedade tradicional me deu subsídios para co-tejar o imaginário de rural do turista na atualidade”, afirmou Maria Francisca Nogueira.

Ancorada no imaginário social de Goiás, a professora delineou um percurso rumo ao imaginário rural do turista. Para isso, ela foi a campo e visitou cinco estabelecimentos turísticos de diferentes modalidades, localizados na região metropolitana de Goiânia. Foram entrevistados turistas, escolhidos com o critério de contemplar todos os gêneros, e todas as classes sociais que mais frequentam esses estabelecimentos. Seu objetivo foi captar o mundo de significações por meio da vivência direta e inten-

sa do turista em contato com o campo. “Tratava-se de decifrar o rural como um mundo para si do turista, transformando-se e inventando-se pela criatividade de sua psique”, complementou a professora.

O turista e seu imaginário

Segundo explicou Maria Francisca Nogueira, as entrevistas seguiram um roteiro, visando identificar o imaginário rural do turista em Goiás. “Após as entrevistas, a análise dos testemunhos foi estruturada a partir dos estados em que o turista se põe e das atitudes que ele toma perante o campo”, ressaltou a professora. Esse processo possibilitou esclarecer inúmeros aspectos que permeiam as representações e os sentimentos dos turistas associados à ideia de campo. Para a professora, o turista não reconhece o campo como o espaço em que o homem produz para a subsistência e trabalha de costas dobradas: ele se dirige ao campo em busca de natureza, ar puro, água e tudo o que não encontra no meio urbano. “O turista procura esse espaço como uma paisagem bonita, que lhe proporciona paz, felicidade e liberdade”, ressaltou Maria Francisca Nogueira.

Na pesquisa, constatou também que o turista atribui ao meio rural um sentido sagrado. “Observei que há uma dimensão sagrada, separada das coisas profanas e do cotidiano da vida urbana prosaica”, afirmou a professora. Ela concluiu que “é no contato com o chão sagrado do campo que o turista tem o gesto de tirar os sapatos da vida social e prática, para desfrutar da força e do poder da natureza”.

Em sua pesquisa, verificou que a busca imaginária do turista por meio do campo também acontece pelo ritual

da refeição. “As comidas típicas de Goiás evocam, por associação, o cheirinho e o gosto das comidas preparadas no fogão à lenha. O pequi, alimento mais apreciado pelos turistas, adquire sacralidade simbólica como um emblema da goianidade”, explicou Maria Francisca Nogueira.

As pessoas vivem o turismo rural de forma poética, com atitude contemplativa e, ao mesmo tempo, com sentimentos de lembrança. “Elas apreciam o campo com visão simples, intuitiva, admirativa e afetuosa em que mais se ama do que se conhece e, por isso esse espaço é mais ou menos infável. A contemplação começa, portanto, com o deleite dos sentidos visão, audição, tato e paladar”, destacou a professora. Durante as entrevistas, ela observou que as significações que os turistas mais associam à ideia de campo em sua contemplação são a tranquilidade, a paz, o sossego, o silêncio e o descanso. Ela observou que, ao rememorar o campo, o turista também atribui-lhe um sentido de lembrança. “São as recordações infantis: dos brinquedos artesanais, dos banhos de córrego, de subir nas árvores e das festas populares”, explicou a professora.

Buscar o campo pode ter inúmeros motivos, desde aquele desejo de recuperar as raízes por meio do folclore, dos hábitos e da tradição, até a redescoberta e a va-

lorização dos bens ambientais, passando pelo anseio por outros tipos de sociabilidade que se acredita não existir na cidade. Segundo a professora, apesar de o rural suscitar no turista a visão paradisíaca, a grande maioria não trocaria a vida urbana pela vida rural. “As pessoas consideram que a vida no campo é poética mas não é prática”, explicou Maria Francisca. As entrevistas mostraram que o turista rural em Goiás — espera um estabelecimento turístico que se pareça com a fazenda, mas com todo o conforto da cidade. “Eles temperam suas lembranças do campo com a comodidade da vida urbana. Recordam que o lampião, embora romântico, significa falta de eletricidade e apreciam a certeza de que a água gelada da bica pode ser substituída pelo chuveiro elétrico”, completou Maria Francisca Nogueira.

Veja mais conteúdo em www.jornalufgonline.ufg.br

